

Mocidade Cristã

Ano XIV

Abril a Junho de 1952

Número 55

Oração

Nosso artigo sobre ORAÇÃO no número 53, censurou o costume de usar ambigamente o título «Senhor» durante a oração a Deus Pai e ao Filho. A oração cristã exige que o orador não confunda os títulos da Trindade.

Os profetas do Velho Testamento empregavam diversos títulos quando falavam de Deus, embora este fato não seja sempre evidente nas traduções portuguêses. A versão Almeida, por exemplo, traduz «Jeová» como «Senhor». O mesmo título é traduzido no grego do Novo Testamento como «Kurios» que, em português, significa «Senhor».

No cristianismo Deus Se nos revela como Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, que, por conveniência, denominamos a «Santa Trindade». Em oração o cristão dirige suas orações a Deus como «Pai» e ao Filho como «Senhor». Nas orações nas epístolas do Novo Testamento, estes títulos são cuidadosamente observados e não se encontra o título «Senhor» dirigido a Deus Pai, mas é usado exclusivamente ao Filho. Encontramos o título «Senhor» quando se refere a Deus (Trino), mas quase sempre em citações do Velho Testamento. No Apocalipse encontra-se o título «Senhor Deus», porque, desde o capítulo 6 até o fim, as profecias se relacionam com o povo terrestre de Deus. O título «Pai» aparece relacionado somente com Cristo, o Cordeiro, e não com o povo de Deus.

Mas não devemos fazer a distinção somente porque é bíblica, mas para

sermos inteligíveis em nossas orações. Tomamos cuidado em nossa conversa diária, por que não na oração? Que confusão havia de resultar se um patrão (por exemplo), falando a dois empregados do mesmo nome, José, se dirigisse a ambos ao mesmo tempo, mandando-os fazer serviços diferentes, dizendo: «José deve fazer isto e José deve fazer aquilo», sem indicar a qual dos dois ele dirige suas instruções!

Assim, em oração, se um irmão disser repetidamente «Senhor, Senhor», dirigindo-se ao Pai e o mesmo título ao Senhor Jesus, ele confundirá o auditório. E' possível que a mente do orador passe de Uma para Outra Pessoa da Trindade, mas como podem os ouvintes saber do fato? De vez em quando ele mesmo, esquecendo, confunde as Pessoas, e comece asneiras durante suas orações.

W. Anglin

Nossa Sociedade Bíblica

Alguns dos nossos leitores queixam-se de certos defeitos da nossa Sociedade Bíblica. «Há propaganda demais, literatura demais, reverendos demais (até «reverendíssimos!») e Biblias de menos.» Se tais queixas viessem de pessoas que não ajudam a Sociedade Bíblica, não responderíamos, mas vêm de alguns dos melhores contribuintes. Por isso, dizemos umas palavras.

Não há organização perfeita neste mundo. Onde há movimento, há quase sempre barulho. Se um cavalheiro do Rio visitasse nossa roça, seria capaz de encontrar um carro de boi, símbolo do movimento roceiro. Quan-

do êste veículo chegasse mais perto ele ficaria mais e mais incomodado com o «cantar» das rodas. A sensibilidade nervosa e o cérebro do nosso amigo visitante ficariam irritados e sentir-se-ia obrigado a tapar os ouvidos com os dedos para não enlouquecer completamente, até passar o «monstro». Depois de recuperar seus sentidos normais, ele nos pergunta: «Por que tanto barulho?» Explicamos ao nosso amigo carioca que aquela «orquestra» soa como doce melodia aos ouvidos do carreiro durante todo o dia. Mesmo o candieiro aprecia a música tão bonita; os bois amam o som e sentem-se mais animados para puxar. Dizemos que ele deve julgar pelo trabalho feito, a carga levada, a utilidade do carro, onde as estradas são barrentas. Ele não deve importar-se com detalhes insignificantes como o chiado dos eixos.

Assim, com a Sociedade Bíblica. Devemos julgá-la pelo serviço prestado, pela importância de levar a Palavra de Deus ao povo do Brasil.

Quando o autor destas linhas tinha dez anos, leu um romance sobre o Brasil, escrito para os meninos, há cem anos. Segundo aquêle livro, dois marinheiros ingleses encontraram um velho brasileiro bem instruído que falava inglês. As perguntas que os rapazes ingleses lhe fizeram acerca dos costumes que viam, ele respondeu: «O Brasil precisa da Bíblia». Agora a Bíblia está chegando. Se o «carro» que traz os volumes sagrados ao povo, tem «eixos que cantam», vamos tapar nossos ouvidos ao barulho e animar o «carreiro e os bois» (que apreciam tanto o «eixo musical») para que o trabalho seja feito com mais eficiência.

Agora, uma palavra aos crentes da roça. Os gerentes da Sociedade Bíblica têm suas queixas também. Recebem encomendas de Bíblias para

lugares como «Córrego de Santa Maria», ou «Ribeirão do Bom Jesus», ou ainda para um lugar com nome indígena, que ninguém pode decifrar. Se o Gerente da Sociedade Bíblica mandasse o pacote assim endereçado ao Correio, o empregado dêste, depois de coçar a cabeça, jogá-lo-ia num caixote «para devolver ao remetente», por falta de endereço postal do destinatário. Apesar de todos os avisos, os crentes, ansiosos por receberem Bíblias, ainda se esquecem de escrever seu endereço postal nas cartas. Isto é pior do que «o cantar do eixo». Semelha um «eixo quebrado» ou «uma roda solta», porque impede todo o andamento.

AVISO. Não escreva qualquer carta sem primeiro pôr seu endereço postal nela. Convém escrevê-lo no envelope também, pela conveniência do Correio, no caso de extravio, mas não serve para a direção do destinatário.

Class C.

W. Anglin

O Novo Nascimento

«Jesus respondeu e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquêle que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus» (João 3:3).

Estas palavras de Jesus foram dirigidas a Nicodemos, quando entrevistado por êste certa noite, e são dirigidas a cada um de nós os viventes.

Este princípio dos judeus — Nicodemos — era mestre em Israel, pertencente à seita dos fariseus, uma das mais conceituadas de seu tempo. Ele era sincero e reconhecia em Jesus um Mestre vindo de Deus.

Apesar de tudo o que era e de tudo o que sabia, Nicodemos ainda se encontrava fora do reino de Deus. O Senhor viu nêle um pobre cego espiritual, e, sem rodeios, foi logo ao assunto, declarando-lhe ser necessário

nascer de novo, para entrar nesse reino.

É muito comum, ao perguntarmos a alguém (principalmente aos filhos de crentes) quando se converteu ao Senhor Jesus, ouvirmos esta resposta: «Fui criado no Evangelho, sou crente de nascença», ou então, «sou crente de berço».

Satanás tem iludido a muitos, convencendo-os de que esta história de novo nascimento é sómente para aqueles que vêm lá do mundo ou do catolicismo. Esses, sim, necessitam de conversão, mas aqueles que têm o privilégio de nascer num lar cristão, já nascem com o dom da vida eterna, santificados pela santidade de seus pais.

Se tu, prezado jovem leitor, está sendo enganado por esse pensamento, se julgas que estás salvo pelo fato de teres nascido num lar cristão, de seres membro de uma igreja, ou por esforçares para ser um seguidor sincero e afastado das cousas mundanas, lembra-te das palavras do Salvador: «Aquêle que não nascer de novo não pode ver o reino de Deus». Estas palavras foram ditas a um mestre de Israel, que talvez tivesse muito mais virtudes do que tu tens.

Por que o Senhor Jesus não ensinou esta doutrina, a do novo nascimento, a Zaqueu, à pecadora que Lhe ungiu os pés ou ao ladrão crucificado à Sua direita? Porque não são necessárias muitas palavras para levar os grandes pecadores ao arrependimento. Aquêles reconheceram que eram pecadores, culpados diante de Deus. Mas um pecador que não se sente como tal, antes se tem na conta de justo (e quem sabe, jovem, tu mesmo!), é mais difícil fazê-lo compreender estar ainda fora do reino de Deus. Os filhos de crentes aprendem desde pequenos a se confessar crentes, a cantar hinos, orar e fre-

quentar reuniões, etc. Satanás apresenta-lhes estas práticas para persuadí-los de que estão salvos, e segredalhes que, pelo fato de nunca se haverem enlameado no mundo, não necessitam de arrependimento.

Digo por experiência própria, porque por uns cinco anos estive iludida com esse pensamento, mas durante todo esse tempo o Espírito Santo procurava convencer-me de que eu era uma pecadora perdida e que necessitava arrepender-me como qualquer outra pessoa que nunca tivesse ouvido falar do Evangelho de Cristo. Muitas vezes me sentia perdida e era tomada de grande temor, e contudo, não me conformava com a idéia de que eu também precisasse nascer de novo. Mas graças ao Senhor, o Espírito Santo saiu vitorioso, fazendo-me uma nova criatura em Cristo Jesus.

Há anos, encontrava-me lendo diante de uma janela, quando entrou uma bonita borboleta amarela e pouso sobre a página em que eu estava lendo. Fiquei a observá-la, admirando a sua beleza. Quando voou, deixou colocados sobre a página, três ovinhos redondos e amarelas. Retirei-os com muito cuidado e guardei-os num frasco. Todos os dias eu os observava, esperando ingenuamente, encontrar um dia ali três lindas borboletinhas amarelas. Mas qual não foi a minha deceção quando alguns dias depois, encontrei três nogentas lagartinhas pretas, rastejando no fundo do frasco!

Explicaram-me então que, para aquelas lagartinhas tornarem-se borboletas, precisavam passar pela metamórfose, isto é, morrerem como lagartas, num casulo, para depois transformarem-se e viverem como borboletas. Tal experiência tornou-se par mim uma ilustração do novo nascimento. Ainda que sejamos fi-

lhos do casal mais santo do mundo, contudo nascemos imundos, com a marca do pecado. Para tornarmos puros e santos diante de Deus, necessário é morrermos como pecadores para nascermos em Cristo, uma nova criatura. Esta é a condição para entrarmos no reino de Deus, para desfrutarmos gôzo, paz, «porque o reino de Deus... é Justiça, Paz, e Alegria no Espírito Santo».

Maria Lúiza de Araújo

O Modernismo

Um bem conhecido escritor critica a teoria que dá o livro de Daniel como história fabricada por um judeu na Palestina, no século antes de Cristo, o qual, depois, persuadisse os judeus a incluir sua falsificação na Bíblia. O livro diz:

«Ficamos alarmados quando um homem acredita que um falsificador escrevesse o livro quatro séculos depois do tempo dos acontecimentos relatados em Daniel. Dois impérios e duas civilizações passaram sobre a Babilônia, destruindo quase tudo. Quando Heródito («Pai da História» 484 — 425 A. C.) visitou a Babilônia apenas cem anos depois da morte de Nabucodonozor, até o nome deste grande rei era desconhecido na cidade que ele edificou! O historiador grego nada ouviu dele. Mas a teoria é que um desconhecido judeu, na Palestina, escrevendo quando outros dois séculos escureceram ainda mais a história, podia ressuscitar o passado, de tal sorte que fez Daniel viver exatamente como vivia, pensava e falava 400 anos antes!» Ainda mais; pôde persuadir os judeus que lutavam contra os perseguidores gregos, que sua fabricação era inspirada e merecia um lugar na Palavra de Deus! E é difícil encontrar um modernista que não acredite nesta teoria absurda e impossível.

Sir Roberto Anderson escreveu o livro «Daniel na Cova dos Críticos», no qual prova a autenticidade da profecia. Este escritor era chefe de «Scotland Yard» que significa o chefe da investigação policial da Inglaterra. Era perito em evidência, raciocínio e lógica, porque esta era a sua profissão. A opinião dum homem com estas qualificações, vale muito mais do que os pareceres de chefes de seminários teológicos. O principal de um seminário metodista, na Inglaterra, chamado Dr Peake, escreveu um livro criticando a Bíblia do Gênesis ao Apocalipse. Era considerado muito erudito, mas se um novato em «Scotland Yard» tivesse raciocinado como fez este doutor de Divindade, seria expulso imediatamente da polícia secreta.

O professor Wilson, da América do Norte, é, provavelmente, a maior autoridade do mundo sobre línguas orientais. Num livro que escreveu, mostra que as centenas de nomes dos reis de outros países, como Babilônia, Pérsia, Egito, Assíria, etc., que reinaram durante os 2.500 anos da história bíblica, são sempre transliterados corretamente para o hebreu do Velho Testamento; mas os documentos de outros países traduzem os nomes dos mesmos reis estrangeiros erradamente. Isto é outra prova de que os escritores e copistas do Velho Testamento eram caprichosos e transmitiram os nomes de fontes fidedignas. Romancistas e falsificadores teriam cometido erros que hoje os arqueólogos teriam descoberto.

W. Anglin

Estudo sobre a Epístola aos Romanos

Romanos 5

O capítulo cinco explica o resultado dos últimos dois versículos do ca-

pítulo quatro. O Senhor Jesus foi entregue (à morte) por nossos pecados (atos) e ressuscitou para nossa justificação, isto é, para fazer-nos justos judicialmente perante Deus. A ressurreição é, para nós, a prova de que a justiça de Deus foi satisfeita pela morte do Salvador. A conta foi paga para nós, e a ressurreição é, pois, o recibo. O devedor está satisfeito, porque o Credor está satisfeito. Estando o recibo assinado pelo Credor, o coração do devedor está satisfeito. Qual o resultado? O crente tem «paz com Deus». Esta é uma das primeiras consequências. É uma paz duradoura. Não pode haver paz entre um Deus santo e um pecador. O profeta diz: «As vossas iniquidades fazem divisões entre vós e vosso Deus: e os vossos pecados encobrem o Seu rosto de vós». Nossa capítulo diz que somos por natureza e prática «fracos e ímpios» (verso 3), somos «pecadores» (verso 8), «inimigos» (verso 10). Não podemos estar em paz, nem podemos fazer nossa paz com Deus. A diferença tem de ser feita em nós. A idéia de alguns, que Deus está zangado conosco, e Jesus veio da parte de Deus, para fazer a reconciliação conosco, carece de base nas Escrituras. Temos de ser perdoados, mas também justificados. No capítulo 3 e verso 24 a justificação é atribuída à «graça de Deus». Sua base é a Redenção em Cristo Jesus e pelo «Sangue» de Cristo (v. 9). O primeiro versículo diz que da nossa parte a Justificação é pela fé. A primeira consequência é «Paz com Deus».

Toda bênção baseada sobre a obra de Cristo é permanente e inabalável. Não devemos confundir «paz com Deus» com «a paz de Deus» (Fil. 4:7 e Col. 3:15) que depende da nossa vida espiritual e comunhão. Tudo que depende de nós é variável. Tudo

que depende de Cristo é imutável. Somos exortados a ter a paz de Deus, porque é possível perdê-la. Não somos exortados a ter «paz com Deus». Todos os crentes receberam inicialmente esta bênção e para sempre, quando puseram sua fé em Cristo. A idéia foi bem expressada no hino 441 de «Hinos e Cânticos Espirituais» —

Ouvindo a voz do amor,
E vendo sobre a cruz
Vertido o sangue expiador,
Paz tenho por Jesus.

A paz que Deus me deu
P'ra sempre firme está,
Nem mais seguro está no céu
O trono de Jeová.

Flutua o meu amor:
Meu gôzo vem e vai;
Porém segura é minha paz —
Eterna com o Pai.

A segunda consequência: «Nos gloriamos na esperança da glória de Deus». Que contraste com o versículo 23 do capítulo 3, que diz: «Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus»!

Ao estudarmos as Escrituras é importante sabermos que muitas palavras bíblicas têm significação mais ampla do que na linguagem popular. Já temos explicado este fato em relação à palavra «justificar». A palavra «graça» é facilmente definida na linguagem comum, mas no sentido bíblico é ampliada de tal maneira, que faríamos um livro para explicá-la adequadamente. A palavra «Esperança», que se encontra no capítulo 5 (vs. 2,4,5) também não é exatamente sinônima da mesma palavra em nossa linguagem comum, onde sugere, às vezes, incerteza. No Novo Testamento representa a fé no futuro e sem qualquer dúvida.

A Esperança faz do crente um ven-

cedor no meio da tribulação, produzindo perseverança (paciência), isto é, a esperança anima-nos a continuar no meio de qualquer dificuldade.

Neste capítulo, como em outras passagens na Epístola aos Romanos, o Apóstolo menciona verdades desenvolvidas em outras cartas que ele escreveu mais tarde. Uma delas é a operação do Espírito Santo (vers. 5); outro se encontra no versículo 10: «seremos salvos pela Sua vida». Isto fala da Sua vida na glória, como se vê explicado em Hebreus (7:25 por exemplo).

Para estudar esta Epístola é necessário entender a diferença entre «**Pecados**» e «**O Pecado**». Os pecados são perdoados. O pecado não pode ser. Ele tem de ser extermínado. Quem é vítima de «o pecado», tem de morrer. O Salvador levou nossos pecados, isto é, o castigo que nós mereciamos. Ele foi feito «PECADO». Morreu para que nós pudéssemos ser a «justiça de Deus». A reconciliação é outra consequência da justificação. A questão entre Deus e nós foi liquidada; a distância foi abolida. Estávamos «perto» ou reconciliados.

O resto do capítulo cinco é ocupado com um raciocínio lógico. Como **um** homem (Adão) introduziu o pecado no mundo, trazendo a morte sobre si e tôda a humanidade, assim por **um**, Jesus Cristo, veio a graça e o dom da justiça divina. **Um** ato trouxe juízo. **Um** ato trouxe justificação ou justiça. Pela desobediência de **um** muitos foram feitos pecadores. Pela obediência de **um** muitos foram feitos justos. O capítulo 4 trata do assunto de «pecados». O capítulo 5 fala do **pecado** como um princípio.

Uma Advertência

O seguinte artigo é escrito com o intuito de advertir os crentes acerca

de ensinos que trazem prejuízos às igrejas. Falo do capítulo 11 de I Coríntios vs. 2-16, com respeito à conduta da mulher na igreja. Ouvi de um irmão que o ensino do capítulo sobre a mulher ter a cabeça coberta não é para os nossos dias, e sim, para os coríntios daqueles dias. Observemos os versículos 1 a 3 do primeiro capítulo. Creio que está claro o que o Apóstolo nos diz; a epístola foi escrita «aos santos que em todos os lugares invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor dêles e nosso». É interessante notarmos que o ensino sobre o Partir do Pão está no mesmo capítulo. Por que não é a primeira parte para nós hoje? Não aceitamos a segunda com alegria? Um certo irmão interrogou: «Que mal faz a mulher ter o véu sobre a cabeça quando ora ou profetiza?» Eu pensei [comigo]: Realmente não faz mal nenhum, mas ao contrário, ela está honrando a sua própria cabeça, ao Senhor, e à Sua Palavra em obedecer ao que está escrito. O Apóstolo diz que ela não está decente estando descoberta. Está fora do lugar onde o Senhor a tem colocado. Imaginemos um irmão orando ou profetizando com o chapéu na cabeça!

As irmãs estão também transgredindo o ensino deste capítulo, cortando os cabelos, usando «ondulação permanente». Quando são exortadas, elas respondem que não estão cortando «à escovinha» nem cortando rente. É lamentável! Deus diz na Sua Palavra: «Não vos conformeis com este mundo», mas a tendência é não nos conformarmos com a Palavra de Deus.

Augusto Alves de Oliveira

1 Coríntios 11

O prezado irmão que escreveu o artigo «UMA ADVERTÊNCIA», mora na cidade onde as modas prevalecem

e, ocasionalmente, aparecem na igreja. Desejamos escrever umas palavras no mesmo sentido às igrejas da roça, onde menos encontramos os costumes da cidade.

Quanto ao uso do véu na igreja, é costume geral nas congregações que recebem nosso jornal. O capítulo 11 de Coríntios é tão claro sobre a questão que sómente aconselhamos às irmãs ler o capítulo com cuidado.

Mas, às vezes, moças crentes, criadas na roça, visitam a cidade e ali adotam modas mundanas. Voltam à roça infectadas com as modas e bem «enfeitadas» na pessoa. Já temos escrito acerca do «enfeite» produzido pela pintura dos lábios e unhas. Este costume transforma a moça numa caricatura, ao invés de ela aparecer como uma criatura de Deus. Devemos admitir, porém, que tais casos são tão raros nas igrejas da roça, que até o presente, não temos encontrado uma dessas «aparições» na Santa Ceia.

Uma dificuldade surge quando a moça crente, participante, corta o cabelo bem curto, depois de observar as modas da cidade. Às vezes os pais mandam as filhas crentes fazê-lo. Como devem os irmãos proceder neste caso? Ouvimos de casos onde êles excomungam tais moças! Qual o pior? Uma moça cortar o cabelo, ou os irmãos cortar a moça, isto é, excomungá-la? Não queremos desculpar as irmãs por desobediência às Escrituras. Seu desejo deve ser agradar ao Senhor, e obedecer à Sua Palavra. A transgressão é quase sempre devida à ignorância do ensino bíblico e, quando este fato é bem frisado, ela é capaz de melhorar o caso. As irmãs de mais idade devem ensinar às novas crentes, como diz Tito 2:4,5. Devem usar sua influência para corrigir os defeitos das mais novas.

Mas os irmãos «suspendem da comunhão» a malfeitora. A mudança

da palavra, fazendo-a parecer mais branda, não muda o fato: ela é excomungada. Será que os pais, tendo filhas em casa doentes, as põem na rua, até melhorar?

Não há qualquer regra acerca do comprimento do cabelo. Em todo caso, deve ser o natural. Uma doença pode obrigar uma irmã a cortar o cabelo ou pode ser a razão de o perder. Os descendentes dos africanos não têm cabelo comprido, mas podem mantê-lo ao natural. Seria melhor se estas questões fossem tratadas pelas irmãs mais idôneas com amor e consideração. Custa tanto ganhar moças para Cristo, mas é fácil desencarninhá-las com disciplina dura. Um jardineiro que gasta muito tempo e trabalho em cultivar flores, toma muito cuidado para não pisar nelas.

Quando uma pessoa tem perebas, em vez de tratar cada uma, seria melhor purificar o sangue do corpo. Quando as modas entram na igreja, é sinal de falta de espiritualidade da parte do corpo todo. O remédio é confissão, humilhação e oração.

W. Anglin

Perguntas e Respostas

Há tempo recebemos a seguinte pergunta de diversos lugares. Nossa resposta deve servir para os diversos casos.

Pergunta 1. (em resumo) Como deve o marido crente proceder no caso de arrependimento da parte da espôsa que pecara por falta de fidelidade ao espôso? Em todos estes casos o marido e mulher estão separados e têm filhos.

Resposta. Aconselhamos ao marido que ele se reconcilie à sua espôsa tão cedo quanto possível e que ela

volte sem demora à família e ao marido, por três razões:—

(1) Perdão é segundo o desejo e exemplo de Deus.

(2) É muito melhor para os filhos quando seus pais estão unidos, e péssimo quando estão separados.

(3) A mulher é muito mais sujeita a cair outra vez e se afasta mais do marido quando estão separados.

No caso da repetição do pecado, a prova do arrependimento deve ser mais manifesta.

Se a infidelidade se torna costume, convém que o marido arranje uma separação definitiva para evitar a corrupção do lar e da família. Os filhos neste caso devem ficar com o marido.

Pergunta 2. Se a mulher usar o chapéu é traje de homem?

Resposta. Chapeu é traje de homem ou mulher igualmente. Na Europa, as mulheres sempre usam chapéus nas igrejas.

Pergunta 3. Desejo explicação sobre 1. Tim. 2:9.

Resposta. Aplica-se hoje esta exortação, como nos dias do Apóstolo.

Três perguntas do Vale do Rio Doce:

Pergunta 4. O véu é só para as mulheres casadas ou para as moças solteiras também?

Resposta. Para ambas igualmente.

Pergunta 5. Será que os crentes em Jerusalém deixaram de batizar-se por imersão por ser a água muito pouca ou encanada?

Resposta. Jerusalém era bem suprida de água no primeiro século cristão. Além dos tanques naturais, Betesda e Siloé, a cidade possuía uma série de aquedutos desde o tempo dos reis de Judá. Os dois principais aquedutos traziam a água de uma distância de 30 quilômetros, dos poços de Salomão, diz o Comentário Ellicott.

O encanamento da água era desconhecido na cidade até o ano de 1918, quando foi instalado por ordens do General Allenby, depois da expul-

são dos turcos pelo exército britânico. O oficial responsável por este serviço era um coronel dos engenheiros, que outrora foi companheiro no Evangelho do escritor destas linhas. Limparam os poços de Herodes nas montanhas da Judéia e depois trouxeram a água nos canos até a cidade. O coronel contou ao escritor que os árabes chefes que vieram visitar Jerusalém, não cansaram de abrir e fechar as torneiras, porque nunca tinham visto água produzida desta maneira «milagrosamente», em toda a vida.

Pergunta 6. Será que o eunuco se batizou em tão pouca água que podia ter passado por ela, sem a perceber?

Resposta. O eunuco não teria dificuldade em enxergar um poço ou rio. Se o irmão procurar um mapa da Palestina em sua Bíblia, achará Gaza no litoral do sul, e observará que os viajantes, para chegar ao Egito (e Etiópia), precisavam passar por um rio com três afluentes. S. Jerônimo, que morava em Belém, enquanto traduzia o Velho Testamento do hebraico para o latim (hoje chamado a Vulgata) no quarto século, escolheu um tanque bem conhecido perto de Hebron, como sendo o lugar do batismo (segundo Ellicott). Exploradores modernos, porém, preferem outra água que existe mais perto de Gaza. Quanto à maneira do batismo do eunuco, traduzimos do Comentário Ellicott (obra prima):—

«A universalidade da imersão na prática da Igreja primitiva, apoia a tradução inglesa (que entraram dentro da água). O eunuco teria tirado suas vestes, descendo à água até que alcançasse seu peito, e teria sido mergulhado no nome do Senhor Jesus» (Ellicott).